

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Horizontes da Escrita: análise historiográfica sobre as obras que narram a História dos Municípios do Alto Vale do Itajaí/SC (1985-2006).

Arnaldo Haas Júnior*

Resumo: Possivelmente preocupados com a preservação da memória cultural ou, lugar comum na história tradicional, com o “resgate” do passado, pessoas das mais diversas formações escreveram obras de caráter local que retratam o passado dos municípios da região do Alto Vale do Itajaí – SC. O trabalho em questão, resultante dos encaminhamentos iniciais do meu projeto de pesquisa de mestrado, visa problematizar, numa perspectiva alicerçada nos estudos culturais, a maneira como tais narrativas pretendem regular representações sobre o passado, partindo do pressuposto fundamental de que estas obras deixam transparecer a alcunha de “história oficial”, ou macro História, fato este evidenciado pela expectativa de escrever toda a história da cidade e da sua gente.

Palavras – chave: Escrita da História, representações, relações de poder.

Abstract: Probably worried about the preservation of cultural recollection, or as it is usual in traditional history, worried about the “rescue” of the past, people with very different backgrounds prepared local works writing about the past of the towns that constitute what is called Alto Vale do Itajaí/SC region. The present essay as a result of my first step towards my masterpiece project aims to join, within a perspective based upon cultural studies, the way how such narratives intend to fix past memories, starting from the fundamental point that those works traduce the “real story”, or the Main Story, what is evident in the prospect of writing the whole truth story of the towns and their people.

Key-words: History writings, representations, power relations.

A realização do XXIV Simpósio Nacional de História pode ser tomada, sem maiores problemas, como um exemplo claro do envolvimento e da preocupação cada vez maior dos historiadores com questões teóricas relativas ao saber e ao fazer histórico. Campo do conhecimento aberto ao diálogo e a problematização, a historiografia se constrói a partir de um reconhecimento de si própria como algo contextual e datado. O caráter relativo de qualquer visão de mundo, da verdade, não permite ao historiador mais do que vislumbres ou, nobre objetivo, um tangenciamento daquilo que se poderia chamar de experiência vivida.

Ao longo do século XX, os embates acerca da execução da escrita da história, seus conceitos e métodos, pelo menos no âmbito acadêmico, resultaram em refinamentos, redução de excessos, e na compreensão das relações de poder atreladas ao discurso histórico. Para além de qualquer explicação simplista que imponha ao debate sobre a produção historiográfica o sentido de guerra semântica, posto que seja da natureza do conhecimento seu caráter parcial e efêmero, faz-se necessário um constante repensar dos trabalhos que

* Mestrando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

pretendem falar em nome daqueles que ficaram no passado. Se Marc Bloch estava certo ao afirmar que a função do historiador é a de compreender o passado pelo presente e o presente pelo passado, há, certamente, muito trabalho a ser feito, principalmente no tange às produções alheias a academia. Exemplos não faltam.

Possivelmente, o escritor Alexandre Avancini, interessado em munir seus leitores de alguns conceitos fundamentais para a leitura de seu livro, inicia a introdução respondendo uma pergunta: o que é história? Eis a resposta:

“História é *relatar um fato*, ou muitos fatos ocorridos em algum tempo passado. Por exemplo: a vida de uma pessoa, um passeio, a queda de um avião, a invenção do avião, ou do automóvel, bem como a fundação de um lugar, que crescendo torna-se povoado, vila cidade. Os *fatos que se sucederam formam a história* daquela cidade. (...) A história se divide em *verdadeira*, concreta, por exemplo: a história de Santa Catarina; e história *inventada*, que chamamos de lendas, fábulas. Por exemplo: a lenda do chapeuzinho vermelho, a raposa e o tucano, a raposa e a onça (grifo nosso)” (AVANCINI, 1996:9).

Longe de se configurar como exceção, esta concepção de história frequentemente encontra ressonância. Logo nas primeiras páginas da obra “Rio do Oeste: A história oficial e outras histórias” (ADAMI, 2004), apontamentos do então prefeito municipal de Rio do Oeste fazem menção a expectativa de legar à população da cidade uma obra que *resgate* a sua história e que sirva como uma ferramenta a ser usada na sala de aula pelos educadores. Em situação semelhante, contudo alhures, o prefeito municipal de Vidal Ramos comenta que o livro “Paisagens da Memória: A criação do Município de Vidal Ramos” (ADAMI, 2004), é um trabalho sem vínculos com grupos sociais, ideológicos, religiosos ou políticos, destinando-se a todas as faixas etárias, mas sobretudo aos vidalramenses de berço ou de coração, pois resgata feitos da gente local e revela *segredos* do passado que irão ajudar a compreender o presente, possibilitando um auxílio para uma projeção mais clara do futuro.

Vitor Meileres, Rio do Oeste e Vidal Ramos fazem parte da *região* catarinense chamada de Alto Vale do Itajaí, cujo órgão de representatividade coletiva recebe o nome de AMAVI – Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – uma agremiação composta por vinte e oito Municípios, dezesseis deles possuidores de obras de caráter histórico que contam os chamados “feitos passados”¹, material sobre os quais é possível tecer algumas considerações.

Visando criar uma possibilidade de sistematização das tendências atuais da historiografia catarinense, dois artigos, o primeiro de Wolff (1994:5-15), e o segundo de

¹ Este material compõe-se de livros e livretos, em sua maioria patrocinados pelo poder público, cujo objetivo é divulgar aquilo que seus autores entendem por passado histórico.

Dallabrida (1996:9-19), apresentam algumas indicações sobre a forma como se desenvolve o itinerário da produção historiográfica em Santa Catarina. A leitura desses artigos deixa claro que a intenção dos autores não é estabelecer qualquer tipo de conceituação estanque, mas incitar uma provocação que fomente um maior debate sobre o tema.

Segundo Wolff, a produção historiográfica recente (desenvolvida a partir de 1940) pode ser subdividida em três grupos principais, divisão esta pautada na delimitação do objeto de estudo de cada historiador. O primeiro grupo seria formado por obras que se pretendem estaduais e que geralmente priorizam a exposição de eventos políticos de âmbito estadual. O segundo grupo engloba trabalhos que enfocam os âmbitos municipais, locais. O terceiro grupo, por sua vez, denominado de “história temática”, excede a qualquer expectativa de enclausuramento em conceitos estanques, o que possibilita apenas, de maneira genérica, afirmar que este oferece a possibilidade de a inserção da noção de perspectivismo no trabalho historiográfico. É a partir dos problemas que o historiador suscita na história que se comporá à melodia de sua narrativa. Especificidades relativas aos dois primeiros grupos merecem aqui maior atenção.

As obras que se pautam na chamada “abordagem estadual tradicional” guardam entre si semelhanças expressas pela preocupação com personagens ilustres, políticos, empresários, religiosos, biografias e cronologias referentes a estes personagens. Encontra-se aqui a chamada “história vista de cima”, uma defesa de uma pretensa objetividade legitimada pela utilização de fontes tidas como oficiais. De acordo com Dallabrida, Lucas Alexandre Boiteux, Oswaldo Rodrigues Cabral e em Walter Fernando Piazza são grandes representantes dessa forma de se escrever a história. Apesar da existência de algumas diferenças relativas às especificidades próprias do tempo em que viveram, a obra desses três autores pertence ao mesmo momento historiográfico da chamada História Tradicional². Marcadas pela narração dos acontecimentos, dos fatos, é comum nestas obras a omissão da citação das fontes utilizadas para a sua confecção. O que chama a atenção é a frequência com que esses trabalhos são utilizados como referência na produção historiográfica de âmbito local ou mesmo temático³.

A matéria prima da qual se constitui minha inquietação compõe-se do segundo grupo, obras pautadas numa abordagem local tradicional. Wolff afirma que se encontram

² Uma análise mais concisa sobre a produção historiográfica de Cabral e de Piazza pode ser encontrada em FREITAS, Patricia de; SERPA, Élio Cantalício; Universidade Federal de Santa Catarina. **Margem da palavra, silêncio do número: o negro na historiografia de Santa Catarina**. 1997. 154fDissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

³ A grande maioria das obras que compõe o escopo desta problematização, desde os livros que contam a história dos municípios até obras de caráter genealógico, anuncia referência aos trabalhos de Cabral e Piazza.

associadas sob esse título uma quantidade significativa de trabalhos produzidos a nível municipal, alavancados pelo esforço solitário de historiadores, muitas vezes amadores. Herdeira de muitas características daquelas do primeiro grupo, a exemplo do viés laudatório a personagens de uma elite, a abordagem efetuada por este tipo de obra desvincula a história local de um contexto mais amplo, como se esta fosse auto-suficiente e gravitasse em torno de um centro próprio.

O cenário está montado. Na luta pelo papel de protagonista aparecem o(s) fundador(es) da cidade, as principais famílias, cujas genealogias teimam em se fazer presentes e que não raro ainda são ativas na economia e na política local. O figurino é composto pela idealização que incide sobre a natureza do lugar. Os apontamentos de Wolff muito pouco ou nada dizem sobre a visão do público em noite de estréia. Surge aqui um impasse.

Não se resgata o passado. Este não se encontra perdido em um tempo distante a espera de alguém (historiador?) que o salve. Construção datada e entregue a remodelação, a forma que o passado adquire, associa-se aos saberes que norteiam o trabalho do historiador às relações de poder que o induzem a escolher este ou aquele material e a uma carga inextirpável de subjetividade. Não por outro motivo, cada presente reivindica para si uma versão do passado.

Ao recusar a neutralidade, levando-se em conta que todos os tipos de discursos – a exemplo do discurso histórico – carregam em seu ventre determinadas relações e efeitos de poder, assim como a idéia de que as *representações* por eles alicerçadas fazem parte do *constructo* que compõe a realidade, considero pertinente analisar de que maneira as obras de História local contribuem nesse processo, legitimando certas visões no presente e calando vozes do passado.

Mergulhando no movimento que se tornou lugar comum a partir da década de 1980, várias cidades da Região do Alto Vale instituíram em seus calendários uma festa anual de projeção mais ampla, estadual ou nacional⁴. Apesar das particularidades específicas a cada uma dessas festas, em linhas gerais uma característica comum é compartilhada por todas: o apelo à *tradição* como forma de legitimação do evento. Com efeito, a menção a determinadas práticas tradicionais, como por exemplo, a confecção de doces em Vidal Ramos, age no sentido de aglutinar os interesses locais visando à preparação e execução da festa. O que deixa surpreso grande parte do público participante do evento é a quase total ausência de doces no local.

⁴ Para ficar apenas em alguns exemplos, cito a Doce Festa em Vidal Ramos, a Festa Estadual do Milho Verde (Femive) em Imbuia, a Exposição Nacional da Cebola (Exponace), em Ituporanga, a Festa Nacional do Bolão (Kegeslfest), em Rio do Sul.

Ao referenciar as festas locais, minha intenção gravita em torno de uma questão mais ampla, comumente difundida nas obras imbricadas no meu objeto de estudo. A invocação, expectativa de recuperação e manutenção das tradições passadas tornou-se jargão nas obras em questão. O clamor pela preservação da memória local, dos “feitos passados”, confunde-se com a incitação de tradições que se afirma serem imprescindíveis para uma “compreensão mais clara do presente”.

Hobsbawm e Ranger (1997:9) nos alertam para a constatação de que as tradições não são necessariamente algo dado, natural, as quais seria possível (e impreterível) prestar homenagens. Pelo contrário, estas se constituem num plano de imanência datado (nem sempre fácil de localizar), e atendem a objetivos específicos⁵. Diante disso, algumas perguntas são suscitadas: a que tipo de tradição as obras locais fazem menção? Como estas tradições podem ser interpretadas no contexto das narrativas? Para além deste enfoque dado às tradições, uma outra questão merece ser suscitada.

Personificação do “homem em luta contra o seu tempo”, Nietzsche, em sua Segunda Consideração Extemporânea, comenta mordaz sobre a “consideração monumental do passado” (NIETZSCHE, 1978:58), sobre a história sendo construída de maneira a “meter a individualidade do passado dentro de uma forma universal e quebrá-la em todos os ângulos agudos e linhas, em benefício da concordância” (NIETZSCHE, 1978:61). Com efeito, aparentemente, a forma como as obras em questão são construídas indica a presença de uma narrativa muito próxima a uma visão romântica e folclorizada sobre o passado. Este é revestido de idealizações praticamente impermeáveis à inserção de uma perspectiva delatora de animosidades entre os “desbravadores”. Seria interessante então questionar, onde ficam os atritos, as falhas e omissões tão comuns aos seres humanos? Inexistem ou apenas dificilmente podem ser captados por este viés laudatório? Ao interpretar esta característica das obras locais como pertencente ao conjunto dos “pormenores significativos” (DIAS, 1998:237) sujeitos à problematização, por parte trabalho historiográfico, é possível notar que há uma distância significativa entre as narrativas idealizadas e uma vida que pulsa alheia a simplificações.

Dentre os títulos dos livros, um me chamou a atenção: “Pouso Redondo, nossa história, nossa gente” (CRISTOFOLINI, 2000). Refletir sobre o conceito “nossa”, utilizado pelo autor, induz a indagação sobre qual é o público alvo, para quem e em favor de quem esta história é escrita. No conjunto de características comuns que norteiam a escrita dessas obras, é recorrente a menção ao processo de colonização, atividade esta sempre atrelada à

⁵ Consideramos relevante explicitar que Hobsbawm e Ranger não tornam absoluta a idéia de invenção das tradições. Neste sentido, os autores alertam para o fato de que a força e adaptabilidade da “tradição genuína” não deve ser confundida com invenção.

qualificação dos colonizadores. Europeus ou descendentes de europeus, os chamados “desbravadores” compõem o arquétipo sobre o qual se assentará a própria identidade da cidade. Excetuando-se os primórdios da colonização ou os primórdios da “nossa história”, tais cidades comportam em sua malha social outras etnias, outros grupos que, excluídos da genealogia local, estão sujeitos a um processo de exclusão social. No contexto da narrativa é possível detectar a emergência de determinadas identidades tidas como fixas, absolutas, padrões sobre as quais a cidade se define e são rotulados os seus moradores.

Num breve histórico que ocupa não mais de uma página, a revista “Potencialidades e Oportunidades de Investimento no Alto Vale do Itajaí”⁶, discorre sobre a forma como, nos idos da década de 1960, período em que o Brasil era agitado por uma série de eventos políticos de grandes proporções, vinte pequenos municípios do interior de Santa Catarina, de forma inédita e pioneira no país, reuniram-se com o objetivo de estimular a integração e o desenvolvimento *regional*. Sofrendo com recursos escassos, prefeitos “empreendedores e inovadores” optaram pelo associativismo, através do somatório de forças e vozes, no intuito de enfrentar problemas estruturais, criando assim a primeira associação de municípios o país.

Numa análise apropriadamente denominada de “A Idéia de Região” (BOURDIEU, 1989:102-132), o autor comenta que o discurso regionalista, a exemplo daquele sustentado pela AMAVI, não descreve, mas sim cria a realidade a qual se refere. Utilizando-se de determinados símbolos agregadores tais como a língua e a *etnia*, tal discurso institui também uma identidade regional⁷, o que pode ser detectado nas obras objeto de estudo, pois, ao instituírem uma identidade local, criam as condições de emergência ou os símbolos sobre os quais se assenta a identidade regional. Não sendo uma coisa dada, a “região” é construída pelos autores sociais, principalmente pelas elites que utilizam um conceito de região para voltar ao passado trazendo elementos que identifiquem o imaginário social de acordo com seus anseios, pois o que lhes interessa não é a verdade, mas uma representação da verdade criada por eles para legitimar-se num determinado contexto.

As interrogações suscitadas neste artigo, parciais, fragmentárias, fazem parte dos encaminhamentos parciais de uma pesquisa que se pretende mais ampla. Ao longo do ano em curso, assim como do ano próximo, possivelmente novos caminhos serão tomados. Alguns

⁶ A revista em questão, elaborada pela AMAVI – Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – no contexto das comemorações pelos quarenta anos de existência da entidade, como o próprio título indica, deixa claro como a questão econômica é a um dos catalisadores utilizados para fomentar a idéia de *Região*.

⁷ Apesar de não ser um elemento que até o momento figure diretamente em minha linha de indagação, seria plausível questionar à forma como a identidade daí resultante diminui, ou até mesmo oblitera o entendimento da diversidade cultural em Santa Catarina.

objetivando o alargamento do campo de visão sobre as obras objeto; outros, uma melhor compreensão da maneira como estes documentos históricos, ao tornarem-se “monumentos históricos”, engessam o passado a visões propositalmente construídas no presente.

Referências Bibliográficas:

ADAME, Luiz Saulo; ROSA, Tina. **Paisagens da Memória: A criação do município de Vidal Ramos**. Itajaí: S&T Editores, 2004.

_____. **Rio do Oeste: A história oficial e outras histórias**. Itajaí: S&T Editores, 2004.

REVISTA DA AMAVI. **Potencialidades e Oportunidades de Investimento no Alto Vale do Itajaí**. Rio do Sul; Gráfica Tambosi, 2004.

AVANCINI, Alexandre. **Vitor Meireles: Um mergulho no passado**. Florianópolis: Papa Livro, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CRISTOFOLINI, Evacir Renato. **Pouso Redondo, nossa história, nossa gente**. Rio do Sul: Nova Era, 2000.

DALLABRIDA, Norberto. **A historiografia catarinense e a obra de Américo da Costa Souto**, in: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n. 4, p. 9-19, 1996.

DIAS, Maria O. S. **Hermenêutica do Cotidiano na História Contemporânea**. Projeto História, São Paulo, n. 17, nov, 1998.

FREITAS, Patricia de; SERPA, Élio Cantalício; Universidade Federal de Santa Catarina. **Margem da palavra, silêncio do número: o negro na historiografia de Santa Catarina**. 1997. 154fDissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

HOBBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Obras incompletas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

WOLFF, Cristina Scheibe. **Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate**, in: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n. 2, p. 5-15, 1994.